Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

Asociação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - ANCIB

PÓS-VERDADE E INFORMAÇÃO: múltiplas concepções e configurações

POST-TRUTH AND INFORMATION: multiple conceptions and settings

Jonathas Luiz Carvalho Silva[1]

Resumo: Como problema o artigo apresenta a seguinte pergunta/ponto de partida: como se situam as configurações da pós-verdade no âmbito da informação a partir da constituição de possíveis configurações? O objetivo é abordar fundamentos que norteiam as concepções da pós-verdade, com vistas a aplicação no contexto da informação a partir de configurações histórico-ideológicas, filosóficas e técnicas. A metodologia consta de uma pesquisa exploratória com revisão bibliográfica baseada em fundamentos teóricos da pós-verdade e da informação, estabelecendo uma conciliação dialógica entre os dois termos. Conclui-se que a pós-verdade apresenta três configurações epistêmicas: histórico-ideológicas (com abordagem da subversão da história como elemento de factualidades verídica), filosóficas (sustentada pela subversão da ética, incluindo, da informação e, por conseguinte, da alteridade) e técnicas (a determinação das fake news como produto informacional que produz de modo tendencioso meios para que os sujeitos acessem, utilizem e se apropriem da informação) que atuam de modo complementar e interdependente que delineiam a produção político-cultural da pós-verdade.

Palavras-Chave: Pós-verdade. Informação. Configurações – histórico-ideológicas – filosóficas – técnicas. Fake News.

Abstract: *As a problem, the article presents the following question / starting point: how are the post-truth configurations within the scope of information based on the constitution of possible configurations? The objective is to address the foundations that guide the conceptions of post-truth, with a view to the application in the context of the information from historical-ideological, philosophical and technical configurations. The methodology consists of an exploratory research with bibliographical revision based on theoretical foundations of the post-truth and the information, establishing a dialogical conciliation between the two terms. It is concluded that the post-truth presents three epistemic configurations: historical-ideological (with approach of the subversion of history as element of factualidades verídica), philosophical (sustained by the subversion of ethics, including, of information and, therefore, of alterity) and techniques (the determination of fake news as an information product that tendentiously produces means for subjects to access, use and appropriate information) that act in a complementary and interdependent way that delineate the post-truth political-cultural production.*

Keywords: *Post-truth. Information. Configurations - historical - ideological - philosophical – technical. Fake News.*

[1] Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

1 INTRODUÇÃO

A pós-verdade ("post-truth", na versão inglesa) se insinua como um termo recente de
grandes controvérsias no mundo contemporâneo que tem, por um lado, impregnado uma *mimesis* conceitual que abarca um simulacro semântico e, por outro lado, apropriado a percepção de que os sujeitos podem desmoralizar as intercorrências e factualidades, para o desfatio das crenças e ideologias.

Essa mimesis conceitual da pós-verdade é reconhecida em princípio na ótica nocional do prefixo "pós" que prolifera na humanidade, desde a efervescência do termo pós-moderno, o ardente desejo de pensar procedimentos sugerindo ultrapassagens que desmontem aquilo que é dado como verdade mediante uma celeridade incrivelmente célere e líquida, incorporando novos preceitos de produção cognitiva e exigindo mudanças radicais nas relações sociais de informação-comunicação. Em seguida, a aparição do neologismo pós-verdade é fruto de uma vontade inexorável de que é preciso trazer soluções para problemas que se apresentam, dispensando uma sistematização mais adensada do pensamento, de modo que seja possível incorporar novas concepções sobre determinados fenômenos.

Desse modo, a pós-verdade não se insurge propriamente como um conceito, mas com a capacidade de deturpação dos conceitos para promoção de uma luxúria semântica que para Ribeiro (2017) expressa uma trapaça que traduz o oposto ao conceito de verdade, representando o objetivo de transmutar a opinião pública pelo apelo emocional via utilização de factoides. O termo pós-verdade, de acordo com o Dicionário Oxford (2016), foi empregado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio americano Steve Tesich, em um ensaio para a revista The Nation. Em 2004, o escritor norteamericano Ralph Keyes colocou-o no título de seu livro The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life. Mas foi a revista The Economist que determinou a popularização mundial do termo pós-verdade, desde quando publicou, em setembro de 2016, o artigo "Arte da mentira".

O presente artigo apresenta o seguinte ponto de partida: como se situam as configurações da pós-verdade no âmbito da informação a partir da constituição de possíveis configurações? O objetivo é abordar fundamentos que norteiam as concepções da pós-verdade, com vistas a aplicação no contexto da informação a partir de configurações histórico-ideológicas, filosóficas e técnicas. A metodologia do artigo consta, quanto aos fins, de uma pesquisa

exploratória com a finalidade de conceber uma intimidade mais efetiva entre a pós-verdade, a informação e como esses dois termos se encaixam na contemporaneidade. Quanto aos meios a pesquisa se delineia como revisão bibliográfica, discutindo pressupostos da pós-verdade e buscando aplicações/configurações na informação por meio do uso de artigos científicos, livros e textos de opinião em nível nacional e internacional. No uso da revisão bibliográfica são utilizados materiais que tratam de pós-verdade, visando constituir sentidos e significados ao termo, assim como materiais sobre pós-verdade associados a ética, crença, alteridade e fundamentos da Filosofia e das Ciências Humanas e Sociais em geral.

2 CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE PÓS-VERDADE

Os significados para pós-verdade assumem posicionamentos embrionários de cunho etimológico, configurado nos dicionários, ensaios, textos de opinião e novas produções científicas em artigos e livros, sendo que a qualificação da palavra ainda é eminentemente dubitável como propositora constituinte de uma nova episteme que represente o campo teórico da informação e comunicação. No campo etimológico, a pós-verdade é definida em diversos dicionários, a saber: aquilo que se relaciona ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal (DICIONÁRIO OXFORD, 2016); aquilo que faz parte ou se relaciona a uma cultura em que os apelos para as emoções tendem a prevalecer sobre fatos e argumentos lógicos (DICIONÁRIO COLLINS, 2018); aquilo que se relaciona a uma situação na qual as pessoas estão mais dispostas a aceitar um argumento baseado em suas emoções, crenças, mais do que com base em fatos (DICIONÁRIO CAMBRIDGE, 2018); conjunto de circunstâncias ou contexto em que é atribuída grande importância, sobretudo, social, política e jornalística, a notícias falsas ou a versões verossímeis dos factos, com apelo às emoções e às crenças pessoais em detrimento de factos apurados ou da verdade objetiva (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2018); circunstância ou contexto, geralmente de ordem cultural ou política, em que a opinião pública e o modo como esta se comporta, se fundamentam mais em aspectos emocionais falaciosos e na afirmação de convicções pessoais avulsas do que em factos objetivos e observáveis (INFOPEDIA, 2018).

A primeira conotação da pós-verdade não se constituir efetivamente como conceito, reside nas definições dos dicionários Oxford, Cambridge e Collins, quando iniciam pelo pronome demonstrativo “aquilo” que reitera o substrato de distância na condução espaço-temporal entre

sujeitos e/ou fenômenos. Logo, a pós-verdade traz à baila uma distopia conceitual e semântica que busca na deturpação da verdade, o apelo as emoções, satisfação de crenças e ideologias como subversão deformadora da realidade social.

A concepção de pós-verdade é imprecisa conceitualmente na medida em que grassa uma antinomia entre a **construção dos fatos** e a **percepção dos sujeitos**, como se esta fosse mais representativa da verdade do que aquela ou como se a consciência determinasse a significação do ser social e não a significação do ser social determinasse o ser social, como definiu Marx (1987). A pós-verdade se situa no esteio da deturpação do senso comum entre o sentido e o significado da realidade como modo de produzir efeitos para elucidação dos fatos, sem uma conexão direta e sistemática com as causas, procedimentos e finalidades desses fatos com a proposta de confundir os sentidos e significados através da afetação dos sujeitos por meio de ações maniqueístas.

Como afirma Deleuze (2015, p.70) "Quando supomos que o não-senso diz seu próprio sentido, queremos dizer, ao contrário, que o sentido e o sem-sentido tem uma relação especifica que não pode ser decalcada da relação entre o verdadeiro e o falso, isto e, não pode ser concebida simplesmente como uma relação de exclusão". A pós-verdade reside precisamente em descaracterizar a relação entre o verdadeiro e o falso e desfigurar uma relação entre o não-senso de sentido (elementos de intervenção/ interferência subjetiva e recepção) e o não-senso de significado (representação mental sígnica) que se firmam na relação de exclusão entre o que seria verdadeiro ou falso, conforme as evidências ideológicas e convicções psíquicas.

A pós-verdade implica, sobretudo, na transmutação acrítica do sujeito que ressignifica a realidade, conforme o conjunto de conveniências ideológicas que se estabelecem no cotidiano dos sujeitos. Essa ressignificação desvirtua a centralidade da verdade como objeto de elucidação e construção de sentidos, tornando-a secundária e promovendo azo a apelos emocionais possivelmente falsificacionistas da realidade. Compreendendo a pós-verdade como uma excrescência de sentidos e significados, é possível afirmar que está presente nos mais diversos segmentos da humanidade. No entanto, vale destacar que a pós-verdade não é causa, mas consequência de um *boom* informacional promovido pelas tecnologias criadas nos séculos XX e XXI.

A pós-verdade tem dois princípios embrionários: o primeiro é que surge daquilo (mais uma vez o pronome demonstrativo de distanciamento espaço-temporal que configura o

substrato da pós-verdade) que é demasiadamente produzido e desorganizadamente sistematizado em termos de informação, conhecimento e comunicação; o segundo é que surge da suposta estratégia bélica em que o mais importante não é a contemplação da verdade em si, mas do atingimento dos meios necessários para conquistar ou vencer algo. Ambos os princípios estão intrinsecamente concatenados e revelam que a excrescência informativo-comunicacional inclina a consecução de ações para controle e padronização de crenças em massa para concretização de objetivos.

No campo etimológico, a pós-verdade calca uma concepção marcadamente opressora dos princípios morais e informativo-comunicacionais que regem a humanidade. Evidentemente que influencia também na composição da pós-verdade no campo epistemológico, considerando que a pós-verdade não é um conceito propriamente dito e só pode subsistir pela prerrogativa existencial de outros conceitos como crença, ideologia, ética (ou a formação de uma pós-ética) e aplicabilidades em contextos diversos das práticas sociais. E quais seriam as prerrogativas e aplicabilidades da pós-verdade no campo epistemológico?

Dunker (2017) apresenta três grandes traços da pós-verdade: o primeiro é a **aceleração** que atua como uma cultura da performance generalizada, derivada do universo da produção e da soberania do resultado, ou seja, os efeitos práticos se impõem ao meio, confluindo uma confusão com o conceito de meritocracia; o segundo é a **retórica icônica**, no sentido de que cada vez mais os sujeitos leem a mensagem que o outro envia em pacotes de informação compostos por imagens e textos que se apresentam como o todo de uma vez, degradando a narrativa da viagem a um percurso sem memória; o terceiro é que a pós-verdade está ligada a **certos esquemas de ação ou protocolos de funcionamento** que se fundamenta pela vida em formato de demanda, sendo fundamental decidir de modo rápido e icônico sobre o que o outro quer através de uma negociação que tende a ser curta em virtude das variáveis dos contextos serem impostas.

A pós-verdade institui o discurso do célere, prático (como resultado) e conveniente de uma justaposição que se configura pela capacidade de viver junto de modo a preconizar um pertencimento de presente e futuro a essa junção de vida e por um conjunto de regras/normas de ordem e obediência a serem partilhados e seguidos pelos sujeitos que vivem juntos. A pós-verdade ainda produz outros traços, quais sejam:

a) **a intencionalidade prévia** – a prioridade é que haja uma conciliação entre aquilo que se tenciona e os resultados necessários para concretizar a intencionalidade. Os meios tornam-se secundários se o objetivo não estiver pautado em conceber uma conexão objetiva entre o que se definiu como princípio e os resultados práticos que serão obtidos. A intencionalidade que trama o percurso da pós-verdade marginaliza a cultura como fenômeno de respeito às diferenças e a pluralidade, pois designa o esforço de harmonizar e consolidar os elementos para promoção de uma ordem social pré-definida por uma comunidade discursiva maior (grupos que exercem um poder cultural e ideológico sobre uma quantidade de sujeitos que pendem a um pensamento similar);

b) **a padronização** – requer a adoção de medidas que expliquem, via imagens e textos curtos e diretos sobre várias questões diferentes da realidade em caráter concomitante, visando a compreensão por meio de uma objetividade artificializada e empacotada daquilo que está sendo objeto de discussão. A padronização como traço da pós-verdade busca criar um conjunto em comum que coexista de modo genérico, célere, uniforme e didático para aqueles que comungam as mesmas crenças e ideologias;

c) **a ética como fenômeno secundário e anacrônico** – é imanente a degradação da ética enquanto conceito e teoria da ação, considerando que a ética como apanágio da pós-verdade significa "[...] Um conjunto de desvalores tomados como valores, de pseudo ações tratadas como o que há de mais importante a ser feito" (TIBURI, 2017, p.111). A ética na pós-verdade se constitui como fenômeno secundário e anacrônico porque há uma inversão de valores que embasam os critérios de busca pela verdade. A ideia na pós-verdade é reposicionar o discurso e as ações por meio de uma ética da adequação que insufle ao sujeito buscar aceitação não pelo valor da verdade que prega, mas pelo potencial de convencimento, controle e decisão por meio das atitudes informacionais-comunicacionais-linguísticas realizadas;

d) **a massificação da informação** – quanto mais uma informação é curtida e compartilhada, mais a pós-verdade se alimenta e ganha contornos, pois o ideário maior da pós-verdade é a competitividade advinda de uma conquista em uma discussão ou decisão político-cultural;

e) **supervalorização do conhecimento do senso comum em detrimento do conhecimento técnico-científico** – como corolário de todos os traços anteriores, incluindo os propostos por Dunker (2017), a pós-verdade prima por meios lúdicos de elucidação que aparentam ser muito mais atrativos para discussões efêmeras e dramaticamente acaloradas do que teorias e correntes do pensamento técnico-científico, pois o conhecimento do senso comum parece oferecer respostas mais precisas e inteligíveis de justificação/persuasão do que as complexas teorias científicas que demandariam uma dilucidação pormenorizada de difícil percepção.

É perceptível que o fenômeno da pós-verdade está mensurado em duas grandes exegeses: a primeira é a capacidade de se relacionar com pessoas e tecnologias através da interposição de desejos/crenças/ideologias via práticas de dinamização da informação, comunicação e conhecimento; a segunda reside nos meios de articulação da primeira exegese para aplicação em ambientes diversos como a política, cultura, educação, religião etc. A pós-verdade é um fenômeno comunicacional-informacional fundamentalmente pertencente a política e cultura que se entrelaça de modo intensivamente conflituoso e confrontante em nível global e local (simultaneamente ou não). Roberts (2006 *apud* D'ANCONA 2018, p.21) afirma que:

> Vivemos na política da pós-verdade: uma cultura política em que a política (opinião pública e narrativas midiáticas) se tornou quase totalmente desconectada da formulação de políticas (a substância da legislação). Sem dúvidas, isso turva qualquer esperança de compromisso legislativo fundamentado.

A pós-verdade é sobretudo um fenômeno cultural na medida em que subverte os elementos de crença, ideologia, intencionalidade, padronização e supressão ética que delineiam as relações humanas aguçadas pelas mídias digitais. É um fenômeno político por desfazer a conexão entre a elaboração de políticas públicas sociais e as mais densas e prementes necessidades da sociedade. Como fenômeno político-cultural, a pós-verdade traz baila muito mais perspectivas de satisfação de interesses hegemônicos do que a preconização do substrato da justiça social, afunilando à dominação do primeiro sobre o segundo e inibindo as possibilidades de coexistência no âmbito da diversidade político-cultural.

A informação e a comunicação presumem um dos principais primados que caracterizam o caráter político-cultural da pós-verdade, promovendo os sentidos necessários para que a pós-verdade se perpetue como prática de determinação de valores e daquilo que deve ser cultuado como fundante para elaboração de políticas e fortalecimento de crenças e ideologias. Diante do exposto, a pós-verdade pode ser definida a partir de duas concepções:

a) é um conjunto de fenômenos político-culturais que norteiam a partir da manipulação tendenciosa da opinião pública, dos meios de comunicação-informação de massa, alternativos e dos ambientes virtuais em geral, modos de como sujeitos, grupos de sujeitos e/ou a sociedade em geral deve agir, conforme a busca pela satisfação de suas orientações ideológicas, emocionais e de crenças;

b) representa os modos como os meios de comunicação e informação produzem, difundem e intervém para o acesso e uso da informação para que os sujeitos, grupos de sujeitos e a sociedade em geral, produzam elementos de compreensão e apropriação da informação que satisfaçam os apelos ideológicos, emocionais e de crenças.

Ambos os conceitos se complementam e possuem algo em comum: a finalidade que é de satisfação de ideologias, emoções e crenças. A diferença reside no fato de que o primeiro conceito denota de modo protagonista como a efervescência político-cultural da pós-verdade se estabelece, enquanto o segundo traduz os meios como os processos comunicacionais-informacionais se desenvolvem para fundamentar tendenciosamente as dinâmicas político-culturais. Logo, o primeiro conceito tem uma profusão causal, procedimental e teleológica mais adensada, enquanto o segundo reflete de modo mais sistemático os aspectos procedimentais e teleológicos.

3 DAS CONCEPÇÕES DE PÓS-VERDADE NO ÂMBITO DA INFORMAÇÃO

Um dos principais elementos que constitui a prática da pós-verdade é a informação ou os modos como a informação é produzida para fins de uso, assimilação, compreensão e apropriação. Como discutido na seção anterior, a pós-verdade pode ser compreendida como um fenômeno comunicacional-informacional vinculado às concepções de política e cultura, sendo

esse fenômeno comunicacional-informacional, conforme designam Silva, Bernardino e Gomes (2017) um aparato processual (uso de dados, mensagens e de processos informativos e comunicativos) e técnico (uso de linguagens naturais e artificiais, tecnologias, documentos e serviços/produtos) que conduzem as condições pelas quais a informação será produzida. E quais seriam os elementos configuracionais da pós-verdade no âmbito da informação? É possível elencar os seguintes:

3.1 Configurações histórico-ideológicas

Como configurações históricas, é pertinente ressaltar dois elementos cruciais: a perspectiva anti-histórica da informação como traço da pós-verdade e a informação e contrainformação como doxa subsidiária da pós-verdade.

Quanto a perspectiva anti-histórica da informação como traço da pós-verdade, a menção ao termo anti-histórico como prerrogativa da pós-verdade no âmbito da informação não quer dizer uma destituição ou inexistência da histórica, pois a vida por si só é um processo histórico, mas uma deturpação dos fundamentos históricos por meio de narrações e explicações intencionalmente descontextualizadas a fim de pré-determinar uma compreensão para os sujeitos, considerando o uso de apelos emocionais e crenças para sustentar a informação produzida.

Neste sentido, a informação na pós-verdade tem um conceito tradicional de ‘dar forma própria e não comprovada por meio de documentos e eventos específicos’ a um contexto histórico empreendendo uma semântica desarticulada entre as concepções de passado-presente, presente-passado (MORIN, 2010) e de passado-presente com perspectivas para previsão do futuro (HOBSBAWM, 1998).

Em outras palavras, a informação como substrato anti-histórico revela que a pós-verdade se sustenta por meio de concepções arbitrárias que são arguciosamente produzidas com a finalidade de perpetrar uma ordem e solidificação de uma crença. A anti historicidade da informação que ampara a pós-verdade está devidamente enunciada em duas passagens no discurso de Deleuze (1987, p.6) em que “[...] uma informação é um conjunto de palavras de

ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem." e "[…] Suponhamos que a informação seja isso, o sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade." substrato histórico-informacional da pós-verdade não reside no reconhecimento da ausência da história, mas na manipulação anacrônica e corrompida da história em que a verdade é relegada a um plano inferior e subtraída por uma narração e elucidação desconectadas dos fatos entre passado e presente, presente e passado. A ideia é que a pós-verdade invista que entender a conexão entre os tempos históricos não é prioridade para produzir informação, pois importa prioritariamente elencar dados sobre uma determinada realidade como forma de defesa ou ataque a alguma crença, cultura ou sistema político.

Portanto, a informação possui um sistema de controle, ordenação e regulação impositivamente deliberada como modo de aceitação e reprodução de sentidos e significados de um determinado fato histórico. Logo, essa informação não é necessariamente falsa, mas pode apresentar uma adulteração sobre a veracidade histórica daquilo que foi emitido e partilhado.

Com relação a informação e contrainformação como doxa subsidiária da pós-verdade, a informação é eivada de uma estrutura ideológica que busca combater aquilo que é diferente, considerando os diversos elementos de aceitação ou resistência a outra ideologia e/ou crença. Essa nova informação ou contrainformação pode tanto ser uma resistência para combater uma informação de controle, ordem e regulação, quanto pode ser uma informação avulsa para redefinir uma decisão político-cultural através de uma dissimulação dos fatos.

A pós-verdade indicia que a informação não deve condensar apenas um ato de resistência, mas instituir meios distorcidos para reverter a realidade, primando por uma (re)tomada de forças aguçando uma dada concepção ideológica. No entanto, essa informação/contrainformação normalmente não apresenta base científica ou filosófica sólida e toma o senso comum como fundamento imprescindível para compreensão de um determinado fenômeno.

A pós-verdade se vale de uma doxa informacional por conceber que é mais viável elucidar um fato sob uma ótica didática do senso comum do que dialogar com o conhecimento

científico em si para persuadir as pessoas sobre a realidade. Em outras palavras, a doxa informacional toma como base o proselitismo informacional que segundo Silva (2016) significa a tentativa de um sujeito ou grupos de sujeitos institucionais, por um lado, de convencer outros sujeitos de que aquela informação é verídica ou adequada e, por outro lado, de impor arbitrária e linearmente suas informações sobre outros sujeitos da informação, de modo que aceitem e pratiquem aquela informação deliberada. Em ambos os casos, a informação é vista como fenômeno pré-determinado situado nas condições elaboradas pelo sujeito/autor e/ou sujeito/mediador e soam como fundamentos de uma dominação informacional.

A pós-verdade evoca suas doxas proselitistas como esfera de produção informacional que tenha como finalidade a persuasão, desconsiderando a veracidade do fato em si e buscando que a persuasão ocorra de maneira mais massificada possível para propalar uma nova concepção de verdade. Para tanto, para a ocorrência da pós-verdade é preciso a dominação de meios de produção e comunicação que veiculem as informações necessárias para massificar as finalidades ideológicas definidas.

A informação possui uma marca ideológica no sentido de que um grupo de sujeitos construa informação a partir de suas ideologias e não de maneira autônoma, assim como a informação é uma apropriação de conteúdos e sentidos embasada pela tendenciosidade discursiva e de que a determinação da contrainformação que é dissimulada, fragmentada e reificada, prima pela legitimação do poder informacional do sujeito ou instituições/organizações que arbitra seus interesses.

Em síntese, a pós-verdade apresenta uma doxa informacional eminentemente ideológica por focalizar suas preocupações na capacidade de convencimento por meio de técnicas midiáticas e mediáticas que expressem de uma maneira tendenciosamente seletiva uma percepção uni contextual da realidade.

3.2 Configurações filosóficas

As configurações filosóficas focalizam os bens conceptivos observáveis da pós-verdade que abrangem neologismos e subversões de cunho filosófico nos processos de produção informacional. As configurações são divididas nos seguintes aspectos:

3.2.1 Descompromisso ético-informacional

A pós-verdade está situada em uma extemporaneidade onde a ética não parece ser mais aceitável ou critério de excelência do pensamento humano e da informação produzida. Em tempos de uma globalização econômica, política e cultural mediatizada por tecnologias digitais, as convenções tradicionais perdem espaço e exige dos pensadores novas formas de relação e novos meios de produzir informação. A essa transfiguração de convenções, a pós-verdade ganha força e impugna a relevância da ética como elemento conceptivo do comportamento humano.

O descompromisso da pós-verdade no âmbito ético-informacional surge como falta de comprometimento com a verdade e se estabelece na esfera do hiato entre o possível e o factual, sendo este hiato o intervalo de possibilidades que são aplicadas em desrespeito as convenções tradicionais liquidificando a informação como fenômeno ético. Inefavelmente, vive-se na era da informação globalizada, o que, por conseguinte, urge a necessidade de repensar esta ética contemporânea nos meios digitais. Floridi (2009) concebe questões para reflexão sobre ética da informação globalizada, tais como: quais são os princípios éticos que se tomam como base com base nesse diálogo e em que esta relação é baseada? Existe uma 'macro ética' no sentido de um certo tipo de consequencialismo ou deontologismo ou contratualismo?

Floridi apresenta precisamente questões que interfiram no avanço exponencial da pós-verdade, através da construção de princípios éticos que contenham a enxurrada de informações falseadas e deturpadas, bem como que denote um pragmatismo ontológico que favoreça uma relação respeitosa entre os sujeitos, baseada na convivência mútua entre os diferentes níveis de ideologia, crença, cultura, credo, raça, posicionamento político etc.

A pós-verdade tem na informação um veículo que transita desordenadamente aproveitando o caos informacional na web, com escassez ou fragilidade de princípios éticos na web e ainda com a sedente ânsia de satisfação de desejos que se consolida como concretização

da intencionalidade dos sujeitos em permanente confrontação relacional. Compreende-se que a ética informacional é global no sentido das múltiplas relações socio-informacionais, mas não no sentido da univocidade de concepções, o que requere a construção de princípios com ênfase no respeito intercultural.

Desse modo, Brey (2007) propõe a construção de uma ética da informação que respeite as diferenças interculturais, partindo do pressuposto de que o conceito de ética da informação está supra referido as questões éticas relacionadas com as TIC, mas também incluindo a ética da computação e as éticas dos meios de comunicação de massa, incluindo o jornalismo.

A pós-verdade atua como uma prática antiética que subverte o substrato virtual das relações interculturais via desrespeito ao relativismo cultural que envolve elementos vitais da ética como a privacidade, a liberdade de informação, as crenças, o direito à informação, direto a propriedade intelectual e as diferenças culturais de modo geral, como, por exemplo, a cultura religiosa cristã ocidental e a cultura religiosa islâmica. A pós-verdade tem se constituído em um meio de ação que não necessariamente parte de algum 'ruim ou mau' e sim que prima por novas formas de adaptação e interação que busque suprir a ignorância e liquidez da pós-modernidade mediante informações que sustentem as crenças e culturas dos sujeitos.

Giddens (1991) retrata meios de convivência que intitula de consequências da modernidade que podem trazer meios de adaptação social, mas que podem, por sua vez, subverter a ética e elucidar estratégias formuladas para sustentação da pós-verdade, quais sejam: aceitação pragmática, otimismo sustentado, pessimismo cínico e engajamento radical. Focalizando nos três primeiros, a aceitação pragmática se refere à arte de sobreviver a partir das atividades do cotidiano humano; o otimismo sustentado é a referenciação da fé e de concepções do senso comum que amparam as percepções dos sujeitos; o pessimismo cínico engloba o cinismo como modo de amortecer o impacto emocional das ansiedades através de uma resposta ou humorística ou enfastiada com o mundo.

Nos três aspectos mencionados, há uma conexão com a preocupação central da pós-verdade que é de trazer à baila novos mecanismos de adaptação social, prevendo uma base

informacional do senso comum formalizada em convenções familiares, educativas, religiosas etc para prover uma contenção mais intimidadora e simultaneamente protetiva nas relações humanas, em especial, nos meios virtuais em que nem sempre há detalhes sobre o outro que se relacionada. Nestes três aspectos elencados por Giddens, há uma efusividade da cultura da pós-verdade e, por conseguinte, uma debilidade da formação ética, intensificando a cultura ético-informacional.

3.2.2 Alteridade informacional da pós-verdade

O que há de comum entre a pós-verdade e a alteridade? É possível elencar duas relações: a realização de ambas depende fundamentalmente do outro para acontecer; levam em consideração aspectos como a negação, a diferença e/ou a afirmação para se desenvolverem. Mas evidentemente as relações entre pós-verdade e alteridade não estão sintonizadas em uma perspectiva epistemológica, já que a alteridade é um conceito consolidado com múltiplas dimensões teórico-práticas, enquanto a pós-verdade é uma subversão conceitual de vaguidade epistemológica.

Para comportar o viés alteritário da pós-verdade, o argumento de Sartre (1991, p. 93) de que “o inferno são os outros” em alusão ao caráter conflituoso, de domínio e julgamento entre eu e o outro, denota uma lógica decifravelmente desafiadora, considerando que a pós-verdade se completa no outro, seja para negá-lo, seja para afirmá-lo ou ainda para diferenciá-lo e padronizá-lo.

A informação pode ser ponderada como o elemento mediacional entre a pós-verdade e a alteridade, no sentido de comportar um preenchimento de lacuna cognitiva entre os sujeitos e de fortalecer as crenças. É com a informação que o sujeito busca designar suas negações e afirmações perante o outro. A informação da pós-verdade alteritária aqui pensada pode ter três grandes configurações:

a) a transferência da informação – é o viés mais arbitrário e intencional da pós-verdade que elege sujeitos referenciáveis para serem os difusores de informações que possuem uma intencionalidade prévia de informar alguém sobre algo, convencê-lo de que essa informação é

verídica e garantir que o outro sustente a informação repassada e transmita para mais sujeitos. Comumente é realizada entre grupos que possuem as mesmas concepções ideológicas e possui um canal mais direto de transmissão;

b) o compartilhamento da informação – é o viés mais massificado e genérico da informação. Tem a característica de lançar a informação aleatoriamente nos ambientes físicos e virtuais com a perspectiva de impactar o máximo possível de sujeitos, galvanizando elementos informativos que promovam a interação e sustentação de crenças dos sujeitos.

Ambas as intervenções alteritárias da pós-verdade estão situadas na capacidade de visualizar e julgar no outro, o reconhecimento de possibilidades que respaldem ou modifiquem percepções informacionais. Comumente são fornecidas de modo didático por meio de imagens, quadros, tabelas e figuras que mostram dados descontextualizados e sem fontes efetivadas com a intencionalidade de alavancar o discurso dos sujeitos para que interajam e satisfaçam suas crenças pessoais.

Silva e Gomes (2013) afirmam que a transferência de informação pode ser considerada como uma negação alteritária pelo seu intenso procedimento unilateral (observa uma ou poucas maneiras de constituir a informação), arbitrário (focaliza a centralidade da informação no eu e não em uma relação dialógica entre eu e o outro – no sentido do para-outro).

A transferência de informação traz a pós-verdade em seu nível mais rasteiro na medida que retira a autonomia do sujeito de se informar e construir conhecimentos em torno de determinados assuntos para se apegar a informações empacotadas. O compartilhamento da informação na pós-verdade é um complemento da transferência, por constituir um significado que calca a informação como um produto previamente empacotado e panfletário que tem como maior utilidade a satisfação dos apelos emocionais em uma relação, destituindo qualquer compromisso mais concreto com a verdade e na relação com o outro.

Quando o outro é visto como um inferno inexoravelmente tendente a relação, a pós-verdade se aproveita como recurso para proliferação de informações deturpadas que assegurem subsídios para a ocorrência das interações e satisfação das crenças e ideologias. A informação na

pós-verdade como fenômeno abstrativo perde a relação entre o abstrato e o concreto, o singular e o plural, o consciente e o inconsciente, o individual e o coletivo por excrementar o conflito de forças político-cognitivo e cultural-cognitivo como uma espécie de disputas que transformam os sujeitos em sagazes e incessantes opositores, sem pré-disposição para ler ou ouvir a informação do outro. Em suma, essa informação da pós-verdade revela o seu substrato mais vil quando prega a dominação político-cultural e cognitiva em detrimento da partilha que respeite princípios éticos, assim como as transações, trocas e afirmações informacionais entre os sujeitos.

Ainda é possível elencar outras configurações filosóficas da pós-verdade no âmbito da informação: **esvaziamento semântico da ipseidade** – conforme a conveniência ideológica e das crenças que formalizam as inclinações político-culturais e engendram uma homogeneidade perceptiva, o sujeito tende a ver o outro como incapaz, inapto as discussões e com um senso de informação inferior em que os sujeitos perdem nas interações a sensibilidade (percepção aguçada) para produzir conhecimentos necessários para compreender e resolver problemas. A informação na pós-verdade esvazia a ipseidade por exercer um indecifrável preconceito que se traduz em acepções sectárias de cunho ideológico, religioso, cultural e político; **dissimulação conceitual** – a informação perde o sentido conceitual na pós-verdade na medida em que não há um olhar sobre a multiplicidade de elementos que compõe o conceito de informação que se dimensiona como fenômeno social e apresenta interdependência com outros conceitos como linguagem, comunicação, conhecimento, ética, valor, dado, mensagem, documento etc e todos esses componentes formatam um todo fragmentário para compreender os significados de informação. Na pós-verdade, a informação perde a integração entre esses componentes, visto que não há uma preocupação mais ampla em sistematizar a informação em relação a aspectos linguísticos, éticos e valorativos, mas, sobretudo, há uma preocupação técnica com um didatismo do senso comum em exprimir dados e mensagens de modo que os sujeitos possam compreender e reproduzir com facilidade.

Portanto, as configurações filosóficas delineiam como a pós-verdade apreende o conceito de informação, deturpando as fundamentações históricas, ideológicas, éticas, alteritárias e conceituais, tornando a informação um conceito destituído de princípios e calcado na capacidade de confundir o senso comum. A pós-verdade informacional não se insinua como verdade por esvaziar os significados das configurações filosóficas aqui expressas.

3.3 Configurações técnicas

As configurações técnicas agem como corolário das configurações histórico-ideológicas e filosóficas, pois a partir do momento em que a pós-verdade subverte essas duas configurações, denota um indício técnico que formula a informação necessária para persuasão do sujeito. Logo, a informação não é necessariamente falsa ou mentirosa, mas descontextualizada para contemplar o atendimento de desejos ideológicos dos sujeitos.

As configurações técnicas são empreendidas como produtos informacionais da pós-verdade e podem vir sob diversas formas desde as mais simples como quadros, tabelas, gráficos e imagens em geral tendenciosamente manipuladas até formas mais complexas como documentos mais sistemáticos como guias, cartilhas, manuais, tutoriais, artigos... e podem ser difundidas por diversos meios como redes sociais, sites/blogs, aplicativos e e-mail. O principal produto informacional resultante da pós-verdade que pode ser representado das formas mais simples as mais complexas são as chamadas fake news que ecoam em caráter massificado através da web e, em particular, das redes sociais.

No entanto, a informação via notícias falsas ou intencionalmente deturpadas/descontextualizadas sempre existiu na história dos meios de comunicação/informação e da sociedade geral. O que mudou foram os procedimentos de difusão dessas informações, precipuamente por meio dos ambientes digitais que condensou uma fragilidade ética no modo de produzir, disseminar, utilizar e apropriar da informação.

A chamada fake news é a arte de manipular as multidões em virtude de sua linguagem fácil e destinada a um público que já tenha uma opinião desfavorável em relação aos personagens envolvidos na mentira criada (SANTOS, 2018). As fake news como produto informacional da pós-verdade não residem na composição observável dos fenômenos vinculados a díade verdade-mentira, mas a compreensão de quais efeitos são gerados a partir da produção dessas notícias falsas ou deturpadas/descontextualizadas. Destarte, as principais características que definem as fake news como produto informacional são:

a) velocidade informacional – quanto mais célere são os fatos, mais possibilidade de proliferação das fake news. A informação emitida via fake news se alimenta declaradamente da multiplicidade de ocorrências que exigem elucidações rápidas. As fake news agem como atalhos da verdade em que o mais relevante não é estabelecer a busca pela verdade e solução dos fatos e sim promover respostas que amparem a sociedade. Quanto mais intercorrências factuais em um curto espaço de tempo acontece, menos os sujeitos têm a capacidade de leitura e apropriação e, nesse ínterim, mais é possível emitir informações descontextualizadas entre os fatos com a finalidade de trazer respostas e satisfação dos anseios. As fake news são deliberadamente consequência do mal do excesso de informações, pois esse excesso não é informação (como produtora de sentidos e significados), mas apenas dados que podem ser tendenciosamente manipuláveis;

b) fidedignidade da fonte de informação – notícias deturpadas sempre existiram na mídia tradicional que se valeram da capacidade de ocultar, modificar, retirar e até de decidir os rumos de uma informação no âmbito político-cultural. No entanto, a mídia tradicional possui um aparelhamento mais estruturado para primar por credibilidade sistemática daquilo que é noticiado. Com a explosão da internet e das relações em nível virtual, as fake news aparecem para muito além da mídia tradicional, oportunizando a qualquer sujeito ou grupos de sujeito em comum serem propagadores de notícias intencionalmente deturpadas. Alguns atributos que podem conferir fidedignidade da fonte de informação em ambientes virtuais são: **conhecer a história e identificação ideológica do meio de comunicação/informação** (observar o nível de variedade dos conteúdos difundidos; quanto mais diversidade de conteúdos o meio difundir, mais possibilidades de promover no leitor uma concepção mais completa da realidade e mais possibilidade de credibilidade naquilo que noticia); **definição da fonte** (é preciso observar se o meio possui estrutura própria de notícia com fontes precisas ou simplesmente atua como reprodutor de outros meios; a desvantagem da reprodução de informações de outros meios é que a possibilidade de modificação intencional da informação torna-se mais efetiva e, por conseguinte, a fidedignidade da fonte torna-se menor); (o teor da manchete (quando há apelação emocional, é possível enveredar para fakes news); **linguagem do texto** (observar o padrão formal de escrita, se há erros ortográficos, gramaticais, se a notícia é possui uma estrutura técnica de produção; as fake news costumam relegar a um plano inferior a formalidade

da linguagem e os padrões de escrita, cometendo erros basilares); **evidências da fonte** (observar se a informação está devidamente citada/referenciada e o nível de credibilidade dessa citação/referenciação; as fake news são comumente desprovidas de fontes ou as fontes não são devidamente formuladas com precisão); **atualização da fonte de informação** (observar se as datas conferem com a informação difundida; muitas fake news não contextualizam os espectros espaço-temporais da informação ou propositalmente alteram datas para uma adequação falseada da realidade);

c) teor crítico da informação produzida – quanto mais apelativa para as emoções e crenças for a informação, menor a possibilidade de teor crítico. O teor crítico está relacionado a capacidade de envidar múltiplos meios de interpretação sobre um fato e de contextualizá-los com a realidade. As fake news costumam reduzir o desiderato interpretativo por meio da exposição de apenas uma visão dos fatos, sem o diálogo com especialistas/autoridades no assunto, considerando que a satisfação emocional é mais premente do que o conhecimento sistemático e holístico dos fatos.

As fake news como produto informacional da pós-verdade não condicionam uma conexão com a história da humanidade em si, mas com a história individual dos sujeitos, baseadas na formação cultural, ideológica e de crenças. As fake news revelam, por um lado, as maiores fraquezas cognitivas dos sujeitos que se resignam com qualquer informação que o prevaleça para sustentar o que pensa e, por outro lado, geram reações ferrenhas na sociedade que instituem a chamada cultura do ódio, a incitação de preconceitos de raça, crença, gênero e o próprio desrespeito às diferenças mais elementares de convivência.

As fake news como produto informacional da pós-verdade representam uma compreensão desgarrada do mundo, tencionando afirmar que “A ideia de pós-verdade é, portanto, uma má compreensão de como o homem se relaciona com o mundo, de como ele constrói informações e se comunica. (VILLAS BÔAS, 2017, p.3).

Em suma, as fake news sustentam a pós-verdade como uma política de desinformação que se aproveita da fragilidade de convenções éticas dos ambientes virtuais atingindo diversos níveis de sujeitos e instituições que vão desde as relações informacionais no

cotidiano do senso comum, passando pelas questões de formação de crenças (religiosas, culturais, raças, epistemológicas etc) e culminando até mesmo nas concepções que embasam as abordagens técnico-científicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-verdade é o sinal declarado de que o ato de competir está acima do ato de construir por um viés de partilha e por um via ético-democrática. A pós-verdade é a perversão dos princípios éticos, linguísticos, comunicacionais, informacionais que subjazem um simulacro das relações humanas e dos mecanismos utilizados para produzir conhecimento e persuadir os sujeitos envolvidos nas relações.

Conforme pergunta/problema apresentada no artigo, é possível responder que a pós-verdade tem duas grandes concepções: uma de cunho político-cultural que emana os fundamentos decisórios do conhecimento e das práticas humanas em geral e uma de cunho comunicacional-informacional que nutre os procedimentos para alavancar as decisões político-culturais.

Ademais, a pós-verdade no âmbito da informação possui três grandes configurações que sustentam a subversão do conceito de verdade: configuração histórico-ideológica; configuração filosófica e configuração técnica. Cada configuração possui seus traços específicos, havendo uma interdependência entre as três configurações.

A configuração histórico-ideológica retrata o princípio cognitivo da pós-verdade, pois toda informação é situada em um processo histórico e ideológico que quando subvertido para satisfação de crenças e desejos interpessoais descaracteriza a veracidade da informação. A configuração filosófica envolve o caráter mais relacional da pós-verdade no âmbito da informação, de modo que quando a ética desaparece ou é subvalorizada, interfere negativamente na condição alteritária da informação, visto que essa propensão alteritária produzirá efeitos negativos no olhar para o outro. A configuração técnica reúne o aparato aplicacional das outras duas configurações, tendo a fake news como grande produto informacional da pós-verdade que produz por meio da subversão da velocidade informacional,

fidedignidade da fonte e ausência do teor crítico para criar uma nova ideia de verdade que satisfaça as crenças e ideologias dos sujeitos.

Portanto, o presente artigo suscitou elementos configuracionais da pós-verdade, visando estabelecer o alinhamento de algumas bases teórico-epistemológicas para o campo da informação, visando instigar estudos mais específicos e detalhados sobre informação e pós-verdade, considerando aspectos como a linguagem, a ética, as tecnologias digitais, os ambientes virtuais, as relações humanas nos meios virtuais, compreendendo que a informação na pós-verdade exerce um antagonismo epistemológico para as relações humanas.

REFERÊNCIAS

BREY, P. Global Information Ethics and the Challenge of Cultural Relativism. In: EUROPEAN REGIONAL CONFERENCE ON THE "ETHICAL DIMENSIONS OF THE INFORMATION SOCIETY". 2007.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELEUZE, G. **Ato de criação.** Tradução: José Marcos Macedo. Folha de São Paulo: 27 jun.1999. Palestra de 1987.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. **Pós-Verdade.** Oxford University: Press. Oxford, 2016.

DICIONÁRIO Collins. **Pós-verdade**. 2018. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

DICIONÁRIO Cambridge. **Pós-verdade.** 2018. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

DICIONÁRIO Priberam. **Pós-verdade.** 2018. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%B3s-verdade>. Acesso em: 07 ago. 2018.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: _____ *et al*. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FLORIDI, L. Information Ethics and Globalization. In: Proceedings del 2009 Global Forum Civilization and Peace. The Academy of Korean Studies and Korean National Academy for UNESCO (Ed.). 2009. p. 217-230.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

HOBSBAWN, E. **Sobre História.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998. INFOPEDIA. **Pós-verdade.** 2018. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/p%C3%B3s-verdade>. Acesso em: 07 ago. 2018.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MORIN, E. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.

RIBEIRO, M. A. **Pós-verdade não é um conceito e sim uma trapaça!** Carta Capital, Blog do Sócio, Opinião. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/pos-verdade-nao-um-conceito-e-sim-uma-trapaca. 2017>. Acesso em: 07 ago. 2018.

SANTOS, R. R. de O. **Fake news como produto da pós-verdade.** 2018. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/comunicacao-social/fake-news-como-produto-da-pos-verdade/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

SARTRE, J. P. **Huis Clos suivi de Les Mouches.** Paris: Gallimard, 1991 (Col. Folio).

SILVA, J. L. C.; GOMES, H. F. O conceito de informação pelo viés da alteridade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 14, 2013. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

SILVA, J. L. C.; BERNARDINO, M. C. R.; GOMES, H. F. Theoretical-Epistemological Perspectives of Knowledge in the Global Era: A Conceptual Proposal. In: DELIĆ, Z. (Org.). **Epistemology and Transformation of Knowledge in Global Age.** 1. ed. Croácia: IntechOpen, 2017. p. 19-34. v. 1.

TIBURI, M. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017.

VILLAS-BÔAS, M. de A. Pós-verdade: o conceito político da moda é equivocado. **Carta Capital,** Vanguardas do Conhecimento, Sociedade, Opinião. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/o-conceito-politico-da-moda--pos-verdade-e-equivocado>. Acesso em: 07 ago. 2018.